

CORPO IDEAL: A UTOPIA DA PERFEIÇÃO

Luziana de Oliveira Silva¹

Universidade Federal da Paraíba/Departamento de Pós-graduação em Sociologia, Campus I, Cidade Universitária. CEP: 58.051-970. João Pessoa – PB – Brasil, luzianas@gmail.com

Resumo: Nosso objetivo, neste trabalho, é discutir, através de uma perspectiva bibliográfica, como a cultura do corpo vigente toma para si o ideal de corpo perfeito. Refletindo tanto sobre a idealização da aparência na sociedade atual, como também sobre a fusão entre beleza e saúde – da qual essa cultura faz uso –, debatemos os reguladores e os imaginários sociais que permeiam as construções corporais. Nesse sentido, analisamos a noção de autotransformação e de perfeição como ponto nodal para explicação dos usos e representações corporais na sociedade contemporânea.

Palavras-chaves: corpo ideal, autotransformação, beleza, saúde e perfeição.

Área do conhecimento: Ciências Humanas/ Sociologia.

1. INTRODUÇÃO

A intensificação da valorização do corpo tem indicado a construção da aparência como uma das importantes formas de construção do sujeito. Os significados atribuídos à plástica corporal, as finalidades sociais de utilização do corpo, assim como suas relações entre pretensões individuais e o contexto sociocultural, tornaram-se elementos centrais na busca de sentidos diante da fragmentação da sociedade contemporânea.

O corpo, reconhecido como lugar inquestionável da individualidade e da subjetividade desde a modernidade, ganha contornos na condição atual de instabilidade a partir do domínio de si; questão essa reafirmada pela noção de autotransformação como sinal de bem-estar e realização disseminada nas academias de ginástica, nos *spas*, nas clínicas de estética, entre outros.

Desse modo, discutiremos através dos estudos de Castro (2007) com suas conceitualizações sobre o “Culto ao Corpo”, de Eco (2004) com a “História da beleza”, de Le Breton (2006) com a “ Sociologia do Corpo”, de Perrusi (2001) com sua “ Utopia da saúde perfeita” e de Villaça & Góes (1998) com a noção de perfeição, o conjunto de crenças e valores que permeiam as práticas cotidianas relacionadas ao corpo. Refletindo, enfim, sobre os sentidos atribuídos às transformações corporais, a busca de um corpo ideal a fim de elucidar o papel da condição corporal no campo social.

2. DISCUSSÃO

A CONSTRUÇÃO SOCIAL

Há séculos, a busca pelo padrão de beleza tem resultado em sacrifícios aos quais,

principalmente, as mulheres se submetiam e continuam a se submeter. O desejo de magreza do início do século XVI, descrito por Vigarello (2005), nos faz pensar no surto da magreza, instituído nos últimos séculos como ideal de beleza.

Havia algumas práticas extremas em que se conseguia uma verdadeira desidratação interior: jovens mulheres eram acoitadas para introduzir um pó de giz a fim de que, desta maneira dura e desidratante, pudessem ficar magras e os corpos esbeltos (2005, pp. 42-43).

Diferentemente do padrão estético da cultura do corpo do exercício físico, a saber, o corpo malhado – músculos em ascensão e abdômen bem definido –, verificamos na sociedade brasileira, outro tipo de ideal estético que se espelha nas modelos do mundo da moda, ou seja, a beleza esquelética.

Compartilhamos com a teoria de Umberto Eco (2004) que defende a existência simultânea de vários modelos de beleza. Mesmo que o ideal de beleza – o corpo malhado – não corresponda ao padrão de magreza advindo do mundo da moda, percebemos que os diversos tipos de modelo ideal coexistem e se confrontam, inclusive na forma de perceber o corpo.

A magreza a todo custo vivida nos tempos atuais – tendo como maior reflexo doenças psíquicas como anorexia – tem demonstrado como a ausência de discussão dos ideais de beleza – malhado e magérrimo –, por parte da sociedade, deságua num problema de saúde pública.

A culpabilidade do indivíduo pela sua condição corporal e os modos de cuidá-la têm ocultado a falta de responsabilidade do Estado para com a fiscalização de procedimentos de modelagem, novas tecnologias, venda de

anabolizantes, medicamentos inibidores de apetites e a composição de cosméticos.

Casos reais comprovam o perigo que envolve os processos estéticos de cuidados com o corpo: “a advogada Juliana Lunz sofreu queimaduras nas pernas ao se submeter à depilação a laser na clínica Yli Belafeliz Centro de Estética” (ISTO É, 2007, nº 1958, p. 21).

A vigilância com as proporções da cintura – para identificar possíveis problemas cardíacos –, com a alimentação e atenção com o peso são solicitados a todo o momento pela mídia, médicos e especialistas. A união dos cuidados com a saúde ao ideal estético resultou nos últimos anos numa supervalorização corpórea.

No advento das aparências, o surto de doenças psicológicas, em decorrência da busca de adequação ao padrão estético, tem sido banalizado como uma escolha pessoal. Parece-nos fora de questão, numa sociedade em que o indivíduo se “emancipou” e conquistou a responsabilidade por si, a seguinte pergunta: a anorexia ou a obesidade mórbida é uma questão de saúde pública ou de escolha individual?

Relacionando a problemática da idealização estética à cultura do corpo, percebemos que problemas psicológicos já são encontrados nos adeptos desse tipo de culto ao corpo. Pouco conhecida, entretanto de grandes conseqüências, a vigorexia – termo utilizado para denominar essa patologia – é caracterizada pela busca incessante pelo ideal estético, através da prática excessiva de exercícios físicos e comumente do uso de anabolizantes.

Podemos entender como um praticante de atividade física que tem indícios de vigorexia percebe seu corpo através do discurso de uma modelo e dançarina famosa. Em entrevista ao programa de televisão “A tarde é sua” da REDETV, a dançarina Miréia Santos (namorada do cantor “Latino”) diz: “eu me sinto como se tivesse uma anorexia ao contrário, quando me olho no espelho sempre me vejo magra, vejo que tenho que crescer cada vez mais, e isso me estimula a malhar; quando não malho me sinto desanimada”.

Além do controle regular do corpo, outro aspecto tem caracterizado a vigorexia, ou seja, o uso de drogas (como anabolizantes). O termo “bombado” – palavra que denomina o praticante de atividade física que faz uso de esteróides anabolizantes, atualmente utilizados tanto por homens quanto mulheres – é naturalizado no espaço das academias de ginástica como ato comum e sem danos a saúde. Todavia, no Brasil dois jovens consumidores de anabolizantes morreram ao ingerir drogas para cavalo, a fim de obter maior ascensão muscular (REVISTA SAÚDE, 2007).

O que parece estar confuso, já que o ideal do culto ao corpo está bem claro, é a representação da saúde. A promessa de vida saudável, compartilhada pela cultura do corpo, quando relacionada apenas à musculatura protuberante, rígida e à ausência de adiposidade, deixa uma larga margem para falsos entendimentos, pois é nessa margem que o consumo de drogas e o abuso de práticas modeladoras se apóiam.

A noção de saúde da cultura do corpo é baseada, quando não estritamente, mas principalmente, na aparência saudável, o que esconde uma ideologia não apenas de autorregulação do corpo, mas uma necessidade de expor no corpo a vida saudável. A idéia de sucesso por conquistar e manter um corpo bonito e dito “saudável” ganha o respaldo social na valorização cotidiana do corpo na sociedade.

Construir uma representação física torna-se fundamental, portanto, no jogo das dissimulações das essencialidades, na busca da concentração das relações humanas no que se vê, na *forma* como se apresenta, no que parece ser, na performance a ser desempenhada (VILLAÇA & GÓES, 1998, p.57).

Villaça & Góes apontam a crise, na sociedade contemporânea, dos pontos de referência para construção identitária, como família, nação, escola para explicar a tendência de revelar no corpo a identidade.

3. CONCLUSÃO

Atribuimos essa idéia de construção do corpo, que Villaça & Góes (1998) discutem, à mudança de valores própria da era pós-industrial. A espetacularização do cotidiano põe o corpo humano no cenário público, o que resultou, entre outras formas, no ideal de perfeição (processo esse que se iniciou no movimento do *body building*), bem como para a expressão da identidade através da condição corporal.

Dentro dessa lógica de se pensar o corpo, acreditamos que é a imperfeição que move a busca do ideal de construção corpórea. Numa relação dualista, a perfeição e a imperfeição se articulam, de modo que a primeira é marcada por um corpo utópico e a segunda por uma ausência que assegura a intensificação do desejo de atingir o corpo ideal.

Em suma, o olhar que a sociedade tem da corporeidade masculina e feminina baliza as ambições do aparecer no cotidiano, nas academias de ginásticas, nas solicitações de remodelação, bem como nas relações sexuais. Desse modo, as estratégias de construções

corporais seguem não apenas uma qualificação entre perfeito e imperfeito, mas, antes de tudo, desenham no indivíduo diferenças de gêneros.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Ana Lúcia. **Culto ao corpo e sociedade**: mídia, estilos de vida e cultura de consumo. 2 edição, São Paulo: Annablume/FAPE, 2007.

ECO, Humberto. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

Depilação perigosa. Revista ISTO É. Ed: Três, ano30, número 1958, 9 de maio de 2007.

Força extra, riscos extras. Revistas SAÚDE !. Ed : Abril, número 282, fevereiro de 2007.

LE BRETON, David. **Sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2006.

MALYSSE, Stéphane. Em busca dos (H)alteres-ego: olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDENBERG, Mirian (org) **Nu & vestido**: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PERRUSI, A. F. A. **Utopia da saúde perfeita**: a nova ideologia do corpo na modernidade. Revista Caos, Vol. 3, p. 3 -15, 2001.

SABINO, Cesar. Anabolizantes: drogas de Apolo. In: GOLDENBERG, Mirian (org) **Nu & vestido**: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002.

VIGARELLO, Georges. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

VILLAÇA, Nízia & GÓES, Fred. **Em nome do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

ⁱ Mestre em Sociologia – Universidade Federal da Paraíba. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba. Professora substituta da Universidade Federal da Paraíba. Integrante do Grupo de Pesquisa sobre o Cotidiano e o Jornalismo (GRUPECJ).

ⁱⁱ Movimento importante para entendermos o atual “culto ao corpo”, o *Body building* é o “termo que passou a descrever a construção da massa muscular, desligada da idéia de força e saúde, pelo uso de pesos e exercícios em máquinas” (VILLAÇA & GÓES, 1998, p.61). Esse movimento repercutiu ainda nos meados de 1880, integrando a cultura americana após a imigração de europeus.